

Brecht, Foucault e os determinantes políticos para entendimento da verdade jornalística

Renato Nunes Bittencourt
Emanuelle Bezerra Silva

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar, sob a luz dos discursos de Bertold Brecht e de Michel Foucault, como a noção de verdade é percebida no jornalismo tanto pelos profissionais desta atividade, como pela sociedade. A escolha de fatos a serem noticiados e a forma como eles são apresentados à sociedade afeta a percepção de realidade das pessoas. Por isso é importante estudar o conceito de verdade que, em geral, é adotado pelos meios de comunicação e as consequências dessa escolha na vida cotidiana das pessoas.

Palavras-chave: Verdade. Realidade. Notícias. Subjetividade.

Abstract: The aim of this paper is to analyze, according the speeches of Bertold Brecht and Michel Foucault, how the notion of truth is perceived in journalism both by professionals in this activity and by society. The choice of facts to be reported and the way they are presented to society affect people's perception of reality. That is why it is important to study the concept of truth that is generally adopted by the media and the consequences of this choice in people's daily lives.

Keywords: Truth. Reality. News. Subjectivity.

I - Introdução

Já existiu, na sociedade global, e em muitos setores dela ainda permanece, o sentimento comum de que algo muito importante só aconteceu de verdade se foi noticiado. E noticiado por um veículo de credibilidade. Nada que tivesse alguma relevância poderia acontecer sem que o mundo tomasse conhecimento pelos meios de comunicação. Muitas pessoas ainda veem nestes meios, e no jornalismo em especial, uma forma de conhecer o mundo em que vivem. Elas acreditam piamente no conteúdo das notícias. Não contestam e nem ao menos desconfiam de que o fato relatado em uma notícia pode não ser exatamente como está descrito ali. Já quando há desconfiança sobre certo acontecimento, elas procuram saber primeiro qual o veículo que distribuiu tal informação e decretam logo: se foi tal jornal, é verdade. Isto ainda é uma realidade mesmo nos tempos atuais em que, apesar de outros meios de difusão da informação terem ganhado espaço, como grupos independentes de jornalistas que criam portais e páginas em redes sociais, blogs etc., o jornal impresso e a televisão ainda são veículos que institucionalizam e contam o desenrolar da História oficial.

No meio dessa percepção, está o jornalista que tenta trazer para o seu trabalho as informações mais próximas da realidade que consegue. Mas o fato é que o profissional muitas vezes só tem acesso a versões parciais daquilo que é noticiado. As teorias de jornalismo

ensinam que é preciso cruzar informações, apurar os acontecimentos de maneira que nenhuma parte seja prejudicada e, com isso, descobrir a verdade dos fatos. Mas, nas redações, nem sempre é isso que acontece. Muitos jornalistas lutam contra o ritmo vertiginoso do tempo diariamente. Precisam produzir um volume enorme de notícias e essa pressa em fazê-lo muitas vezes não permite que o profissional siga na prática as teorias, ainda que persiga a Ética e a Deontologia de sua profissão. Além disso, há outros aspectos dentro do ambiente jornalístico que devem ser observados para se chegar à verdade explícita nos jornais.

Tais observações servem para se repensar a verdade trazida diariamente pelas notícias. As notícias são verdades absolutas e reflexões da realidade ou apenas construções parciais dela? Elas conseguem transmitir um fato com todas as suas nuances e profundidade ou trazem apenas versões dele? Aquilo que é transmitido pelos meios de comunicação, muitas vezes tomado como verdade, é incontestável ou apenas uma representação dos meios de difusão de informação? Elas conseguem transmitir um fato em toda a sua profundidade ou se trazem apenas versões dele? Aquilo que é transmitido pelos meios de comunicação, e que muitos tomam como verdade, é algo incontestável ou apenas uma construção dos meios de difusão da informação?

Embora o conceito de verdade não tenha uma definição clara para os profissionais de jornalismo, as teorias tentam dar conta desta questão para o profissional. Apesar de o jornalista perseguir a verdade, ele frequentemente não conhece o caminho que pode levar até ela, o método, quando não o ignora e conta apenas com seu talento para desempenhar suas atividades. Isto fica evidente no ensaio de Bertolt Brecht sobre “As cinco dificuldades de se escrever a verdade”. Por outro lado, Michel Foucault coloca a verdade como produto de poder. Estes dois parâmetros se esbarram com frequência na construção da narrativa jornalística e, por isso, iremos nos debruçar sobre eles.

II – Desenvolvimento

1 - A verdade como dogma jornalístico

Segundo BOND (1962, p. 25), o jornalismo é a atividade profissional que consiste em lidar com notícias, dados factuais e divulgação de informações de interesse público. Também se define o jornalismo como a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre

eventos atuais. Então o jornalismo, que é a atividade de divulgação dos fatos, estaria inteiramente ligado à verdade, por esta teoria. Segundo as normas da profissão destacadas por KOVACH & ROSENSTIEL (2003, p. 13), a primeira obrigação do jornalista é com a verdade. Mas o processo de encontrar e difundir a verdade é que não é claro para o profissional.

Muitos não conseguem compreender a diferença entre a notícia e o fato. O que é divulgado pela imprensa é apenas o relato dos acontecimentos (LUSTOSA, 1996, p 17), ou seja, o fato publicado já sofreu interferência do olhar de alguém. Logo, resta saber como o conceito de verdade é experimentado pelo profissional de jornalismo. Conseguir chegar à verdade dos fatos é de primordial importância para o jornalista já que o seu trabalho, as notícias que produz, são “o material que as pessoas usam para aprender e pensar sobre o mundo além de seus próprios mundinhos” (KOVACH & ROSENSTIEL, 2003, p 19).

Nos jornais, o que se encontra é, na maioria dos casos, um relato verdadeiro de uma situação delimitada e não a verdade absoluta de um acontecimento. O produto jornalístico é baseado em fatos isolados e muitas vezes coletados fora do contexto original. Em muitos casos, a imprensa informa de maneira correta o que apura, mas não consegue revelar a profundidade da verdade dos fatos. Um dos problemas em se encontrar a verdade é justamente o recorte da realidade nas pautas jornalísticas, uma vez que o profissional já tem determinada ali a abordagem que deve dar ao fato, antes mesmo de apurá-lo. E, antes disso, como lembra Kunczik (2002, p.245) ainda há a necessidade de escolher o que deve ser notícia, dentre inúmeros assuntos e acontecimentos. A opção de divulgar um fato em detrimento do outro, ou seja, de dar lugar em uma publicação ou tempo de transmissão a um assunto e não a outro, já é decidir o que o público deve saber sobre aquele dia, sob a perspectiva de importância de uma pessoa ou de um grupo que tem essa responsabilidade editorial. Conforme argumenta Arbex Júnior (2001, p. 103)

A mídia cria diariamente a sua própria narrativa e a apresenta aos telespectadores – ou aos leitores – como se essa narrativa fosse a própria história do mundo. Os fatos, transformados em notícia, são descritos como eventos autônomos, completos em si mesmos. Os telespectadores, embora embalados pelo “estado hipnótico” diante da tela de televisão, acreditam que aquilo que vêem é o mundo em estado natural, é o próprio mundo.

Ler o jornal ou assistir ao noticiário não significa saber sobre os acontecimentos do mundo, significa saber o modo como esses veículos relataram os conteúdos narrativos acerca dos fatos, pois a medição comunicacional, a rigor, afasta o sujeito da possibilidade de compreensão

da realidade concreta. Para Nilson Lage, “a autonomia da palavra verdade é, pois, relativa; seu significado e valor variam de modo peculiar com a instância de uso” (LAGE, 1982, p. 97).

De volta à questão das pautas, há dentro do ambiente de trabalho jornalístico intensa discussão entre os profissionais de como trazer a verdade para as matérias que produzem. De acordo com Kunczik, todos os jornalistas buscam, pelo menos em seus primeiros anos de trabalho, encontrar a verdade para transmiti-la ao público. Mas, conforme diz o autor, quanto mais perto das redações o profissional está, menos ele acredita na existência desta verdade. Kovach e Rosenstiel, em suas pesquisas com jornalistas, também constataram que há muitos profissionais que negam a existência da verdade como categoria absoluta. Os autores citam o historiador da Columbia University, Simon Schama, que certa vez declarou que “a certeza de uma verdade em última análise observável, empiricamente verificável já não existe, morreu” (KOVACH & ROSENSTIEL, 2003, p. 65). Esses são também os que consideram a inexistência da verdade, citando a subjetividade do ser humano, mas é neste momento que classificam este pensamento como filosófico. Como profissionais de jornalismo, Kovach e Rosenstiel admitem que existem muitos colegas seus que nunca souberam exatamente o que significa escrever uma reportagem verídica. Os autores atribuem isso ao fato de que muitos jornalistas não se interessam por aprender sobre o seu ofício:

As teorias de jornalismo ficam na cabeça dos acadêmicos, e grande parte dos jornalistas sempre desvalorizou o ensino profissional, argumentando que a única forma de aprender o ofício é por osmose nas tarefas do dia-a-dia (...). Essas explicações tornam os jornalistas passivos, meros reprodutores dos fatos em lugar de selecioná-los e editá-los. [...], Em lugar de defender técnicas e métodos para encontrar a verdade, os jornalistas negam a existência desses recursos (KOVACH & ROSENSTIEL, 2003, p.66-67).

Como ressaltou o dramaturgo alemão Bertolt Brecht em seu texto *As cinco dificuldades de se escrever a verdade*, “quando se quer procurar (a verdade) é conveniente ter-se um método, mas também é possível encontrá-la sem método e até sem procurar” (1982, p.2). É possível, mas, no trabalho diário do jornalista, é mais provável que ele consiga encontrá-la pelas técnicas aprendidas do que pela sorte ou aptidão natural. Muitos jornalistas são envaidecidos pelo talento que têm de escrever ou de se comunicar e, por isso mesmo, ignoram os métodos. Assim, se o profissional pretende manter um bom trabalho, precisa conhecer as técnicas de seu ofício. Contar com a sorte pode fazer com que o jornalista caia na descrição já citada por Kovach e Rosenstiel, que se referem aos profissionais que não buscam selecionar o que irão publicar como meros

reprodutores. Estes, que se preocupam em apenas relatar as generalidades do dia-a-dia, Brecht diria que não são dignos de encontrar a verdade.

2- A verdade na escrita segundo Brecht

Fora do conceito filosófico, a que muitos se prendem para definir “verdade”, e abstendo-se do relativismo da experimentação individual de cada pessoa, que muitas vezes é usado para tentar explicar o que é verdadeiro ou não, Brecht usa o termo “verdade” para falar da necessidade de se expor a realidade da sociedade em que o escritor que escreve sob o jugo do fascismo e até os que escrevem num regime de liberdades burguesas estão inseridos e não têm como fugir de sua ação, isto em um tempo em que o jornal era a principal fonte de informação. Ainda que primeiro a televisão e depois a Internet tenha tomado este lugar, a busca pela verdade daqueles que se propõem a fazê-lo está acima do meio pelo qual esta descoberta será difundida e, por isso, podemos usar esta contribuição de Brecht para a atividade jornalística. Dizer a verdade, para o autor, é expor o que os poderosos procuram ocultar. O dramaturgo não aceita o conceito que coloca a verdade como uma virtude, como algo sublime e, logo no início do texto, decreta “este estilo de falar dela (da verdade) convém justamente à mentira” (BRECHT, 1982 p. 1).

Para o dramaturgo, a luta contra a mentira é o que caracteriza a verdade, pois quando alguém diz a verdade, é porque outro, ou muitos outros, disseram coisas superficiais ou mesmo mentiras. Aquele que consegue chegar à profundidade da verdade disse algo prático, concreto, impossível de negar e, acima de tudo, “disse a única coisa que era preciso dizer”. Ele não nega que, para isso, é necessário ter coragem. Mais do que simplesmente ser corajoso, para Brecht, o escritor, ou seja, aquele que irá relatar os acontecimentos de sua época, de sua sociedade – leia-se aí o jornalista – tem como obrigação não calar a verdade. Mesmo que isso implique “recusar ser célebre entre os poderosos e muitas vezes recusar qualquer tipo de celebridade”. O escritor diz isso, pois conhece o que ele chama de “corrupção do mundo” e “desforra do espírito”, que permite a muitos simular uma bravura ao reivindicarem coisas generalizadas e uma justiça “para qual nada contribuem”.

Brecht considera mais digno e mais verdadeiro aquele que tem coragem, mesmo em meio à extrema opressão, tratar de temas nobres que muitos poderiam considerar mesquinhos por não interessar às elites. De escolher dizer o que está por trás de, por exemplo, a felicidade de camponeses em meio a um regime ditatorial, por receberem maquinaria agrícola e pastos baratos

que aliviaram o tão exaltado trabalho do campo. Brecht trata aí de escolha editorial. Fala de coragem e de se manter incorrupto para poder dizer que os camponeses não estão plenamente satisfeitos com a administração, mas estão agradecidos e estão olhando para si próprios e não para a coletividade. Isso seria, segundo o autor, mais do que corajoso como também inteligente. O dramaturgo ressalta que é necessária a inteligência para reconhecer a verdade ou, em suas palavras, o que precisa ser dito:

Como é difícil dizer a verdade, já que por toda a parte a sufocam, dizê-la ou não parece à maioria uma simples questão de honestidade. Muitas pessoas pensam que quem diz a verdade só precisa de coragem. Esquecem a segunda dificuldade, a que consiste em descobri-la. Não se pode dizer que seja fácil encontrar a verdade. Em primeiro lugar não é fácil descobrir qual verdade merece ser dita. Hoje, por exemplo, as grandes nações civilizadas vão perdendo uma após a outra na pior barbárie diante dos olhos pasmados do universo. (BRECHT, 1982, p 2).

Brecht considera que mesmo aqueles que não se curvam aos poderosos e não temem a pobreza podem muitas vezes não conseguir chegar à verdade. Aponta para isso dois motivos: falta de conhecimento, como economia, história e dialética materialista, e preconceitos que os impedem de discernir os fatos. As redações estão cheias de pessoas que não se aprofundaram nos estudos de seu tempo e de como a História chegou até onde a conhecemos. Muitos inclusive são analfabetos funcionais sem saber que o são. A prova disso são as manchetes truncadas e sem sentido que circulam diariamente sem que ninguém e nem o próprio jornalista que a escreveu se dê conta da falta de coerência e significado. Existiria uma solução para isso, segundo o autor, que indica que o conhecimento e os métodos destes honestos que buscam a verdade poderiam ser adquiridos por meio de livros e da aprendizagem prática. Para ele, muitas verdades podem ser encontradas por meio de verdades fragmentadas ou através de dados que conduzem a elas. Aquele que a busca necessita apenas de um mínimo de vontade para conseguir ter aptidão para encontrá-la. É necessário um método. Aquele que não sabe como agir, não sabe como irá se movimentar em sua busca, dificilmente irá conseguir chegar à verdade.

As pessoas que só se empenham em anotar os fatos insignificantes são incapazes de tornar manejáveis as coisas deste mundo. O objetivo da verdade é uno e indivisível. As pessoas que apenas são capazes de dizer generalidades sobre a verdade não estão à altura dessa obrigação. (BRECHT, 2002, p 2)

Além de ser necessário ser corajoso e capaz de reconhecer a verdade, também considero que aqueles que pretendem escrevê-la precisam ainda saber o que fazer com ela. Não basta ter a

verdade nas mãos. É necessário ser capaz de manejá-la como a uma espada. A forma como que se apresenta a verdade é de vital importância para a sua aceitação. Saber conduzi-la a um público, saber fazer com que as pessoas, ao recebê-la, mesmo que não estejam diante de algo agradável, a aceitem, é uma dificuldade técnica, mas é extremamente necessário. A verdade pode, muitas vezes, não ter beleza, mas a forma como ela é apresentada deve conter atrativos aos olhos. Como Brecht, acredito que a única razão para se escrever sobre a verdade é mudar as suas consequências, ou permitir que elas continuem na mesma direção, se o escritor se agrada dela. É necessário àqueles que escrevem saber o tom em que irão colocar em sua descoberta sem tirar o tom próprio da verdade que descobriram. Cuidados como a escolha das palavras são apontados pelo autor como algo crucial à verdade. Ele exemplifica com a palavra “povo”, que sugere unidade nacional, mas se ao invés dela o escritor usar “população”, estará sendo mais correto ao falar de pessoas moradoras de um mesmo território, mas com interesses distintos. Outro exemplo é a palavra “terra” no lugar de “latifúndio”. Terra evoca a beleza dos campos, o lugar onde uma família viveu e esconde o trabalho árduo dos camponeses para tornar o terreno fértil, o lucro dali retirado etc. O autor considera, neste caso, latifúndio a palavra mais justa.

O autor dá exemplos práticos de pessoas que conseguiram, por meio de uma escolha apurada de palavras, mudar realidades. Uma destas pessoas foi Voltaire, que aplicou um estilo elegante em um poema libertino sobre a Donzela de Orleans, que descrevia milagres que se mostravam cruciais para que Joana d’Arc permanecesse virgem no exército, na Corte e no meio dos frades. O efeito deste “estilo poético” de Voltaire conseguiu fazer com que os poderosos, que teriam interesse em proibir seus livros – pois muitas donzelas sacrificaram suas crenças após a leitura das aventuras galantes – deixassem que eles circulassem.

Esta sensibilidade na forma de escrever a verdade é que o autor busca fazer seu leitor entender. Brecht ressalta a importância de se ter um alto nível literário para desenvolver e repassar uma ideia, mas alerta para o fato de que um texto muito elaborado pode causar suspeitas. Por isso, como é possível observar em vários regimes totalitários, muitas vezes o nível de textos foi baixo intencionalmente a fim de conseguir o efeito de alcance pretendido. O autor mostra, ainda, que aquele que escreve deve ser capaz de, ao descrever a verdade, encorajar ao leitor a trazer ânimo e vontade de mudar a realidade. Aqueles que apenas desejam a verdade sem pensar em seus efeitos são como os que “querem comer vitela, mas não querem ver o sangue”. Brecht acrescenta:

Se pretende dizer eficazmente a verdade sobre o mau estado das coisas, é preciso dizê-la de maneira que permita reconhecer as suas causas evitáveis. Uma vez reconhecidas as causas evitáveis o mau estado das coisas pode ser combatido (BRECHT, 2002, p. 5).

Quem deseja escrever ou dizer a verdade deve ter um propósito. Deve saber o que fazer com ela em suas mãos. A verdade não deve ser tratada como um capricho ou como algo que envaideça a pessoa que a descobriu, mas deve ser uma arma para os que podem dizê-la ou difundí-la por meio da escrita. Quem consegue ter coragem para escrever a verdade depois de encontrá-la deve discernir como torná-la eficaz. Deve saber a quem entregá-la para que a distribuição da verdade implique alguma mudança ou esclarecimento dos que não conseguem enxergá-la por si sós. Ele considera que, por conta da tradição de se comercializar o texto escrito, o escritor teve a percepção errônea de que seu dever terminava ao conseguir entregar a um cliente ou editor aquilo que escreveu e este teria a função de transmitir as informações que o escritor lhe passara. Mas Brecht diz que é obrigação, e por isso uma dificuldade daqueles que escrevem, escrever a alguém, saber para quem repassará as informações colhidas, alguém que possa tirar partido da verdade descoberta. Porque a verdade não deve ser guardada ou detida por quem a descobre. Ela deve circular e trazer luz àqueles que não tinham conhecimento de sua existência.

3- Verdade como produto do poder

Se para Bertolt Brecht a verdade é algo que aqueles que detêm o poder procuram ocultar para que o seu domínio não seja contestado, para Michel Foucault verdade é poder (1998, p 14). O filósofo aponta como verdade aquilo que funciona como verdadeiro dentro de uma sociedade. Brecht, ao contrário, aponta como verdade aquilo que está maquiado pelo poder, como no exemplo já citado da felicidade de camponeses em meio a um regime ditatorial, depois de receberem “maquinaria agrícola e pastos baratos que aliviaram o tão exaltado trabalho do campo”. O dramaturgo diz que a verdade é o que está por trás desse fato. Por que foi concedido o maquinário? Por que os camponeses ficam felizes com o presente, ao invés de empregar mais pessoas para o trabalho na lavoura? As respostas a estas perguntas é o que Brecht considera verdadeiro. Já para Foucault, o que foi produzido com a entrega do maquinário é o que é verdadeiro. Ele coloca a verdade como produto do poder:

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (...).

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 1998, p. 12)

Foucault ressalta ainda que, neste contexto, o intelectual, ou o escritor, como diria Brecht, funciona neste regime de verdade. Seu papel é manter a estrutura sobre a qual a sociedade está alicerçada. Ele diz ainda que a verdade está centrada historicamente na forma do discurso científico, ou seja, naquilo que é verificável, e nas instituições que o produzem. No jornalismo, isso se comprova quando é necessário buscar fontes oficiais, pessoas ligadas a instituições renomadas para falar sobre determinado tema. A presença de tal pessoa no texto jornalístico traz credibilidade àquela notícia. O leitor recebe como verdadeira a informação dada, pelo simples fato de ter sido dita por alguém ligado a uma instituição que pode comprovar tal informação. No entanto, há inúmeros casos de fontes oficiais que deram informações incorretas com propriedade de verdade.

Um exemplo clássico é o citado por Kovach e Rosenstiel que relembram as declarações dadas a jornalistas pelo ministro da Defesa dos Estados Unidos na ocasião da Guerra do Vietnam, Robert McNamara, depois de estar reunido com o presidente Lyndon B. Johnson. Este não estava confiando nas informações que recebera sobre a guerra e queria verificar com o ministro. McNamara, ao chegar da reunião, disse estar muito animado, pois as coisas no Vietnam pareciam estar indo bem e que tinham cada vez mais certeza do fim da guerra. Mas, oito anos depois, os dois principais jornais do país – o *New York Times* e o *Washington Post* - publicaram que ficou conhecido como *The Pentagon Papers*. Este era um documento secreto do governo. Os jornais revelaram, ao publicá-lo, que o governo sempre soube a real situação do Vietnam e, em suma, que na reunião McNamara havia dito ao presidente que os Estados Unidos estavam de fato perdendo a guerra. O povo norte-americano acreditou nas afirmações feitas pelo ministro em 1963. Este sentimento coletivo suscitado pelas declarações de alguém que detinha o domínio sobre o assunto é a verdade produzida a que Foucault se refere. Mas o documento revelado mais tarde, além de ser a verdade dos fatos, é a verdade que Brecht defende. As afirmações do ministro foram repetidas em uma coletiva no dia seguinte. As declarações confortaram a população norte-americana. No entanto, Foucault não defende encobrir os fatos para se manter o

poder, como neste caso. Mas ele reconhece que esta é a ferramenta adotada por muitos.

Por “verdade”, entendo um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos do poder que ela induz e que a reproduzem. “Regime” da verdade (FOUCAULT, 1998, p. 14).

O filósofo reforça que, quando fala na mudança no regime institucional da produção de verdade, não está defendendo “libertar a verdade” de todo sistema de poder - o que para ele não é possível, uma vez que Foucault entende que a verdade é o poder -, mas ele acredita que uma solução plausível seria desvincular o poder das formas de hegemonia da verdade. Ele coloca ainda a questão política como sendo a própria verdade, uma vez que ela é capaz de produzir efeitos como o citado acima no exemplo de McNamara. O ministro mentiu para manter o *status quo*. Brecht, por sua vez, defende a busca da verdade para que, tendo o conhecimento do que é verdadeiro, se possa combater justamente o “mau estado das coisas” (BRECHT, 1982, p 5). Foucault, no entanto, reconhece que os jornalistas e o povo norte-americano, ao receberem tais informações como corretas, ou seja, a imprensa informou o que de fato McNamara disse, a verdade de suas palavras, mas ninguém poderia chegar ao fundo da verdade que o ministro conhecia sobre o Vietnã (KOVACH & ROSENSTIEL, 2003, p 60).

Talvez não fosse possível produzir o efeito de realidade que as palavras de McNamara produziram, caso a situação da imprensa naquele momento fosse outra. Os jornalistas eram mantidos à distância das zonas de conflito no Vietnam. As imagens da guerra tornaram-se inacessíveis e as informações divulgadas eram exclusivamente dadas pelos militares. Tendo em mãos apenas o que era divulgado pelos militares, que serviam ao governo norte-americano, e divulgando tais informações de maneira massiva, o jornalismo funcionava como Foucault descreveu de mantenedor do *status quo*, e servia de igual forma ao governo, construindo uma verdade sobre a guerra de acordo com os interesses daqueles que detinham o poder. Já Brecht encoraja a estes, que “mesmo inseridos num regime de liberdades burguesas sofrem com a ação repressora dos poderosos”(BRECHT, 2002, p 1), a ir contra este domínio e encontrar o porquê de não se ter acesso a outras fontes, e até mesmo ao local da guerra.

III - Considerações finais

Mesmo em meio a toda esta confusão entre os profissionais do que é ou não verdade, se é possível ou não chegar até ela, a sociedade em geral tende a aceitar como verdade todo recorte da realidade que lhes é oferecido por meio dos jornais. Muitos elegem alguns canais de informação como parâmetros para a verdade. Estes referenciais são construídos com base na identificação do indivíduo com o veículo, também os chamados contrato de leitura. Em alguns casos pelo tempo de contato com ele: o costume herdado de família de ler o mesmo jornal, assistir ao mesmo canal de televisão, ouvir os mesmos programas de rádio etc.; ou por uma escolha ideológica, apesar de uma grande parcela do público não estar ciente de que todos estes canais de difusão da informação carregam em si uma ideologia, o que se chama em jornalismo de linha editorial.

A própria escolha de temas que podem ou não podem entrar no jornal e a maneira como se fala de determinadas pessoas delimitam a ideologia do meio, que muitas vezes não é percebida pelo grande público. É neste momento, o de seleção do que será divulgado, que começa o processo de construção da verdade. Mas com o crescente número de meios de comunicação e com a facilidade de acesso à informação da atualidade, é possível tomar conhecimento de certos temas que determinados veículos escolheriam não divulgar.

Por isso, em 1807, Thomas Jefferson, o mesmo que deu o poder ao jornalista de manter suas fontes em segredo na primeira emenda da constituição americana, já havia declarado sentir compaixão da grande quantidade de pessoas que, ao lerem os jornais, "vivem e morrem acreditando haver conhecido algo do que está acontecendo no mundo durante sua vida" (KUNCZIK, 2002, p 248). O sentimento de Jefferson remete à questão de que a seleção editorial das notícias limita a visão do mundo e a maneira como elas são transmitidas nem sempre é extremamente fiel à forma como os fatos ocorreram. São muitas as razões para que o fato ganhe formas diversas e, com isso, várias versões, o que dificulta encontrar a verdade do que está nos jornais.

A verdade, mesmo sendo um dos elementos fundamentais do jornalismo, é comprometida pelos laços políticos e financeiros dos meios pelos quais as informações são difundidas. No processo de produção da notícia, a escolha do que será noticiado e como isto será transmitido é norteado essencialmente pelo que favorecerá ao veículo. O interesse público, a relevância do acontecimento e mesmo as referências básicas do que pode ser uma notícia são

considerados, mas não apenas isto.

A grande questão é que este processo de construção de uma verdade jornalística envolve o fato em si, a objetividade em apurá-lo, a subjetividade da pessoa que o relata e, muitas vezes, a grande corrupção do meio que irá transmiti-lo. A corrupção neste processo se dá quando interesses individuais são colocados acima do compromisso do jornalismo com a sociedade. A coletividade é colocada de lado para se divulgar informações de modo que elas beneficiem poucos. Isso traz à tona a questão levantada por Jefferson, pois se um canal transmite aquilo que interessa a si mesmo, não está relatando propriamente a tradução de um tempo, espaço geográfico ou o que certa pessoa representou para o mundo. Desta maneira, está corrompendo a função primordial do jornalismo, que é de informar da maneira mais lícita possível.

O que as pessoas recebem como produto jornalístico e consideram ser a verdade do tempo em que vivem são recortes da realidade feitos a partir do olhar de alguém ou de uma organização. Recortar a realidade não significa ignorar o princípio jornalístico de se ouvir todas as partes envolvidas e apurar o maior número de informações que um fato merecer. Entretanto, são inúmeros os meios que se valem apenas de um aspecto do problema para construir suas reportagens e, deste modo, sua verdade. Assim, o grande público e, principalmente, os “fiéis” a estes veículos, aqueles que assumem um “contrato de leitura”, recebem uma informação parcial sobre os fatos.

A realidade exposta deixa claro então que a verdade em que acredita a sociedade em geral, muitas vezes, é baseada no conhecimento adquirido pelos meios de comunicação e, como observado nas últimas eleições presidenciais dos Estados Unidos e também no processo golpista travestido de *impeachment* pelo qual o Brasil passou na supressão do mandato presidencial de Dilma Rousseff, os meios de comunicação estão sendo cada vez mais usados para fortalecer e expandir câmaras de eco na internet. Estes são grupos que ratificam suas opiniões, por meio das notícias, que têm no seu processo de produção inúmeras questões que podem tornar a notícia distante da realidade do fato, o que configura um problema, uma vez que se criou em torno do fato noticiado um efeito de verdade. Ou ainda, aquilo que a sociedade recebeu como verdade pode não ser verificável.

Referências Bibliográficas

- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. São Paulo: asa Amarela, 2001.
- BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- BRECHT, Bertolt. **As cinco dificuldades de se dizer a verdade** (1934). Trad. de Ernesto Sampaio. Publicado no Diário de Lisboa de 25 de abril de 1982. Disponível em: http://www.cecac.org.br/mat%E9rias/Brecht_cinco_dificuldade.htm Acesso: 06/03/2009
- FOUCAULT, Michel. “Verdade e Poder”. In: **Microfísica do Poder**. Trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998, p. 1-14.
- KOVACH, Bill & ROSENSTIEL, Tom. **Elementos do Jornalismo**. Trad. de Wladir Dupont. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo: Manual de Comunicação**. São Paulo: EDUSP, 2002.
- LAGE, Nilton. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1982.
- LUSTOSA, Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: Ed.UnB, 1996.

Renato Nunes Bittencourt é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ e/Professor da FACC-UFRJ

Emanuelle Bezerra Silva é Especialista em Comunicação Integrada pela ESPM